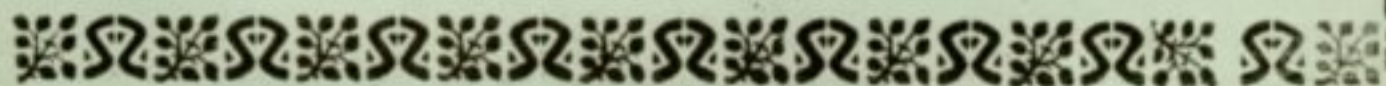


Autor: Francisco Sales Arêda

# A EMBOLADA DA VELHA CHICA



Autor: Francisco Sales

A EMBOLADA DA  
VELHA CHICA

A velha chica  
Que morava no fundão  
Lá em cima no fundão  
Na beirada da estrada

Passava o dia  
No batente cochilando  
Pegando pulga e matando  
E comendo com qualhada

Essa velha  
Parecia uma serpente  
Banguela só tinha um dente  
E a venta arribitada

Tinha um tumor  
Na ponta da espinhela  
Do tamanho d'uma gamela  
E uma perna escanchavada

E no lugar  
que ela estavaco chilando  
Pelo beicho era pingando  
Uma boba amarela

No couro dela  
Tinha tanta mucurana  
E piólho de cigana  
Que chega etsava pelada

Era conhecida  
Por sá chica rezadeira  
Passava a semana inteira  
Só rezando ajelhada

Com uma trouxa  
Cheia de cinza e mulambo  
Rezava dor de estombo  
Dor de dente junta inchada

Rezava nervo  
E também ventre caído  
querto duro, dor de ouvido  
queimadura e pá quebrada

De enxaqueca  
De sal na cabeça e luo  
Doença de meio de rua  
Gastura e barriga inchada

Erizipela  
Golpe bouba e sete couros  
De picada de bisouros  
E serpente envenenado

E além disso  
Era forte macumbeiro  
Não houve catimbozeiro  
Pra dela tomar chegada

E os preparos  
Que essa velha possuía  
Para fazer bruxaria  
vou contar sem deixar nada

Tinha um cambuco  
 Que ela drumou na praia  
 Com 3 rabos de lacreia  
 E uma coruja palada

Numa muchila  
 Tinha as penas de 1 canção  
 Três corocos de pinhão  
 E uma unha de viada

Neutro cambuco  
 Tinha o couro d'um quando  
 E tambem um cururu  
 Com a boca costurada

Uma cauã  
 E 7 cavalos do cão  
 Pendurado no cordão  
 Na cozinha fumeçada

Jurema preta  
 E terra de cemiterio  
 Pra fazer toda misterio  
 Com raiz de encruzilhada

Meus leitores  
 Essa velha era um perigo  
 Tinha tanto inimigo  
 Que só uma escornugada

Era bastante  
 Ela ter raiva de um  
 Passava o dia em Jenjum  
 Preparando a panelada

E uma cabra  
Pretinha sem ter sinal  
Junto a velha infernal  
Mordendo dando chifrada

Mosquito e bezouro  
Aranha e caranguejeiro  
Toda raça mordedeira  
Mordia a velha malvoda

Com poucos dias  
Dona chica do fundão  
Pediu vela e um caixão  
E mortalha costurada

A vinte e quatro  
De agosto ao meio dia  
Deu na velha uma agonia  
E morreu a desgraçada

Quando morreu  
Começou a chegar gente  
Dizendo essa serpente  
Morreu tarde e atrozada

A vizinhança  
Se juntou para enterra-la  
Mas na hora de leva-la  
A bicha ficou pesada

Botaram ela  
Pra leva-la num caixão  
O tisto caiu no chão  
A velha ficou deitada

Trozeram um carro  
Puxando a quatro bois  
Quebrou-se a ponta de dois  
Só puxando a condenado

Foram arastala  
Pra levar pro cemitero  
Apareceu um misterio  
Ao redor da escumungada

Um bode preto  
Começou fazendo um jogo  
Um gato dos olhos de fogo  
miano e dano dentada

Veio um enxame  
De abelha de exú  
E chegou um arubú  
Com a cabeça encarnada

Foi tanto sapo  
Que chegou ao redor dela  
Com uma baba amarela  
Que a velha ficou banhada

Chegou um negro  
Da grossura de um graveta  
E trazia um livro preto  
Com as culpas da malvada

O negro disse  
Afasta povo não se oponha  
que esta velha sem vergonha  
Não pode ser enterrada

Abriu o livro  
E as páginas foi passando  
Em toda folha mostrando  
A velha fotografada

O negro disse  
Este livro é todo dela  
Vou levar esta cudela  
Que há tem foi comprada

E quando o povo  
Viu o negro assim dizendo  
Todo mundo foi correndo  
Deixaram lá a finada

E nesta hora  
Deu um forte pé de vento  
Noquele mesmo momento  
Foi a velha carregada

disse dia  
Para cá lá no fundão  
A velha chica buzão  
Vive lá acocorada

E quem passar  
No fundão não volta mais  
Que a velha corre atrás  
Até um encruzilhada

Se o leitor  
Não levar um fathetinho  
encontra a velha no caminho  
E ela daí he uma dentada